

A Vila Olímpica da Verde-e-Rosa: considerações sobre política social de uma escola de samba do Rio de Janeiro ^{*1}

Maria Alice Rezende
UERJ

Palavras-chave: políticas sociais, pobreza, escola de samba e juventude.

As mudanças ocorridas no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro nas duas últimas décadas do século XX, nos colocam diante de novas questões sociais. São problemas que afetam todas as cidades globais, desde aqueles advindos da mundialização da economia passando por outros já tradicionais produzidos pela pobreza até a intensificação da violência por parte do crime organizado. O Rio — cidade maravilhosa — desponta como uma cidade violenta perdendo um pouco do seu brilho.

Em reação, surgem a partir do final dos anos 80 entidades que tentam responder à situação de exclusão e violência imposta às populações pobres. São organizações não-governamentais, religiosas, de entretenimento que atuam nas favelas e no bairros populares. A presença dessas novas entidades e a expansão das atribuições das antigas muda o cenário político da cidade. Na busca da integração social e da inclusão dos setores desfavorecidos, desenvolvem programas e projetos apoiados por diferentes parceiros — empresas, organismos internacionais, o próprio Estado etc. As escolas de samba, organizações que praticamente atravessaram o século XX, podem ser incluídas entre tais entidades, apoiadas pelo Estado e pela sociedade civil que desenvolvem projetos voltados para os setores populares, condição que favorece seu ingresso no campo das políticas sociais. Nesse novo contexto, o bairro e a favela são tomados como referência para a construção dos sujeitos sociais; o Estado deixa de ser o único responsável pelas políticas sociais, e se apresenta, por vezes, como um dos parceiros desses novos atores sociais. Em luta pelo reconhecimento da cidadania plena de seu público-alvo, as entidades não excluem uma perspectiva universalista de justiça social, e

* Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

¹ Este foi o tema central de minha tese de Doutorado em Saúde Coletiva defendida no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Medicina Social da UERJ, sob a orientação da Prof. Dra. Alba Zaluar, em março de 2002.

reivindicam a garantia dos direitos à cidadania de todo cidadão brasileiro. A experiência da Vila Olímpica do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira pode ser tomada como um caso desse tipo pois, alia reivindicações locais à reivindicações mais amplas voltadas para a conquista da cidadania no plano nacional.

Este projeto, o Vila Olímpica, coloca em discussão a importância das organizações vicinais na vida das comunidades carentes bem como suas possibilidades de se organizar em torno das demandas da comunidade por políticas sociais. Apresenta também o esporte como uma alternativa de socialização do morador de favela e dos bairros populares sendo igualmente o grande responsável pela receptividade do projeto junto ao público infanto-juvenil.

As escolas de samba e o associativismo na cidade

Na década de vinte do século vinte, surge no Rio de Janeiro a primeira escola de samba — a Deixa Falar. Sucessivamente outras escolas foram sendo criadas, seguindo em linhas gerais o mesmo modelo nos bairros populares e nas favelas cariocas. Amplamente aceitas pelos setores populares e mais tarde pelo próprio Estado, foram incorporadas, em 1935, ao calendário oficial da cidade, ano em que é oficializado o desfile carnavalesco das escolas de samba. Os blocos e as escolas se transformam paulatinamente em canais de expressão popular. Neles, seus integrantes encontram espaço para a resolução de suas demandas e conflitos, formando verdadeiras redes de reciprocidade e solidariedade.

As Ciências Sociais tem apresentado várias interpretações a respeito do papel das escolas de samba na vida do carioca. Já na década de cinquenta, COSTA PINTO (1998) registra algumas atividades das escolas de samba que ultrapassam a celebração do carnaval e do samba tais como competições esportivas, grupos teatrais, escolas de capoeira etc. Definindo-as como: "associações populares especificamente recreativas e tradicionalmente ligadas ao negro, que foram, senão no sentido político, ao menos no sentido sociológico, a matriz original do que neste país se chama povo" (p.224). O sociólogo não vê nenhuma motivação política na ação dessas organizações. Para ele, elas não passam de associações lúdicas, "divertimento de pobre" e, por essa razão, um "divertimento de negro".

Pesquisas posteriores forneceram nova versão para as escolas de samba e seu trabalho social dentre elas estão: PEREIRA DE QUEIROZ (1992) chega a afirmar que as primeiras iniciativas por parte das escolas de samba que marcaram a ultrapassagem dos limites do período carnavalesco transformaram-nas nas primeiras organizações legais dos habitantes das favelas e subúrbios. ZALUAR (1985) chama atenção para a importância das organizações vicinais numa comunidade do Rio de Janeiro (Cidade de Deus). Para ela, a agremiação carnavalesca é uma das muitas formas criativas, e até certo ponto, conscientes, de criar coletividades e organizar os trabalhadores a nível de vizinhança. Os anos 80 foram um marco na trajetória de algumas escolas. A partir desta década, escolas como a Mangueira, Beija Flor, Mocidade Independente de Padre Miguel, entre outras, começam a desenvolver projetos mais elaborados que visavam atender às carências da comunidade a que se vinculavam. CHINELLI (1992) identifica alguns fatos que explicam a ampliação das ações clientelistas das escolas até as políticas sociais. Primeiramente, a presença do jogo do bicho: os “banqueiros-patronos” financiavam desde o processo de construção do carnaval até ações assistencialistas.² Posteriormente, associando-se a esta forma de financiamento, chegaram os recursos para os desfiles advindos da criação da Liga Independente das Escolas de Samba, fato que ampliou as possibilidades de desenvolvimento do trabalho comunitário. Além disso, o processo de redemocratização do país, que atinge seu ponto crítico na segunda metade dos anos oitenta, reorientou as políticas sociais. O modelo proposto associava as agências governamentais às organizações da sociedade civil. A década marcou a entrada de técnicos ligados às agências governamentais para desenvolver projetos em várias áreas — saúde, educação, preparação para o trabalho etc. Podemos acrescentar a este quadro as mudanças na economia ocorridas nos anos noventa, a adesão ao modelo neoliberal que, em termos de políticas sociais, implicou na valorização de políticas focais. Experiências como a Vila Olímpica e outros projetos de caráter local passam a merecer atenção especial na qualidade de iniciativas exaltadas e recomendadas para as comunidades carentes de todo o país. Foi assim que, ao longo do século XX, as escolas de samba evoluíram das práticas clientelistas para as políticas sociais.

² Chinelli (1992) afirma que na Mangueira, a presença do jogo do bicho nunca assumiu a importância e o caráter de dependência financeira continuada, nem intermediou, de forma sistemática, a relação da escola com a comunidade.

A experiência da verde-e-rosa

"Dizem os mais velhos que uma das coisas mais salutares da vida é sonhar. (...) Hoje, graças a Papai do Céu, este sonho se realizou, através dos nossos Projetos Sociais, Culturais e Esportivos que se tornaram referência internacional". É nestes termos que o presidente do G.R.E.S Estação Primeira de Mangueira apresenta a escola na revista Mangueira 99 de distribuição gratuita que circulou no desfile oficial das escolas de samba no Carnaval de mil novecentos e noventa e nove.

O atual morro da Mangueira nasceu, no início do século XX, às margens da linha férrea que liga o centro da cidade aos subúrbios cariocas. A história de sua ocupação é semelhante a história de todas as favelas cariocas. Seus primeiros moradores eram trabalhadores desqualificados, famílias vindas de outros estados, afro-descendentes, enfim, populares que tentavam integra-se à grande cidade. Em busca de entretenimento e unidos pelo samba, seus moradores criaram vários blocos carnavalescos. Tempos mais tarde, a fusão de alguns deles deu origem ao atual G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira. Objetivando atender as demandas sociais de sua comunidade pouco a pouco, essa organização estende suas atividades para além do Carnaval. Inicialmente, com uma estrutura precária, desenvolviam atividades tais como: festas, jogos de futebol, creches etc Um grupo de voluntários, integrantes da escola, promove atividades esportivas para os jovens usando o espaço em baixo de um viaduto próximo à escola. Somente na década de 60, a escola cria seus Departamentos: o Esportivo, o Feminino etc. O Esportivo será o embrião da Vila Olímpica. Ainda nas mãos dos voluntários, as crianças e jovens começam a participar de competições esportivas. Esse trabalho abre espaço para a chegada de técnicos ligados as agências estatais e a entidades da sociedade civil que dão um caráter técnico ao trabalho social. Somente no final da década de 80, a direção da escola de samba consegue construir sua Vila Olímpica em um terreno em frente a quadra pertencente a Rede Ferroviária Federal. Nessa mesma década, a escola incorpora em seu estatuto a obrigação em desenvolver políticas sociais.

Podemos afirmar que essa escola de samba percorre uma trajetória ascendente no campo das políticas sociais. Além desse projeto a escola expandiu seu programa social para outras áreas. Tornou-se uma entidade reconhecida como promotora de

políticas sociais no campo da saúde, cultura, educação, trabalho e lazer. Nos propomos a discutir a trajetória de uma escola de samba da recreação à política social.

O que nos pareceu novo e objeto plausível de investigação é o fato de uma associação carnavalesca em parceria com outras entidades serem responsáveis pela implementação de ações que proporcionem a expansão de oportunidades de desenvolvimento pessoal para jovens pobres moradores dessas localidades. Ela assumiu a formulação de propostas de encaminhamento das demandas sociais da comunidade como também a busca de recursos para financiá-los. Parece que vários fatores contribuíram para a elevação da posição das escolas de samba à condição de promotora de políticas sociais. Em primeiro lugar, os indicadores de participação têm demonstrado o aumento das adesões a associações comunitaristas na cidade do Rio de Janeiro. Cabe lembrar que o fenômeno não é recente em nossa cidade ou em nosso país. (CARVALHO, 1991; RIBEIRO & JUNIOR, 1996) Os dados da LIESA (1995) — Liga Independente das Escolas de Samba demonstram a distribuição espacial das escolas na cidade e ratificam a preferência popular por esse tipo de associação. Elas se concentram na zona norte, em seguida nos subúrbios da Central e subúrbios da Leopoldina e, em menor número, na zona sul e na zona oeste, somando um total de cinquenta e sete entidades. Em segundo lugar, a adesão do Estado brasileiro ao projeto neoliberal implicou na minimização de sua ação na esfera do social. Nesse sentido, o trabalho social desenvolvido pelas as associações comunitaristas da cidade tais como: igrejas, associações carnavalescas e recreativas etc. foram valorizados, tornando-se visíveis, ou seja, passando a ser encarados pelo Estado como forma de atuação ao desenvolvimento de estratégias sociais aptas a atender às especificidades locais. Nesta urdidura onde se entrelaçam a redução do poder do Estado em virtude das restrições impostas pelos acordos internacionais e o desmonte das políticas de bem-estar, a Vila Olímpica da Mangueira surge como um projeto local que reivindica ampliação de oportunidades para a criança e o jovem das classes populares da localidade sem excluir a luta pela garantia do direito à cidadania, direito de todo o cidadão brasileiro.³

³Integram o programa social do O G.R.E.S de Mangueira vários projetos sociais desenvolvidos em várias áreas como o Jornal A Voz do Morro, o Centro Integrado de Educação Pública Nação Mangueirense, o Posto de Saúde, o Centro Sócio-Cultural da Mangueira, o Projeto de Resgate e Preservação da Memória da Mangueira, o G.R.C. Mangueira do Amanhã, o Projeto Vila Olímpica entre outros. (cf. Revista Mangueira 70 anos (1928-1998)).

Dentro da política estatal de ampliação do poder local, a Vila Olímpica do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira é considerado um projeto social modelo por atender à população da favela e do bairro, por sair em busca de recursos para suas metas e atender a uma população juvenil, carente de programas sociais. Esta experiência tem se difundido entre as outras escolas de samba e comunidades do Estado do Rio de Janeiro. Em algumas, a reivindicação por uma Vila Olímpica parte dos próprios moradores: em outras, são iniciativas do próprio poder público. O G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro inaugurou sua Vila Olímpica em 1996 ⁴, e cinco municípios do estado — Belford Roxo, Duque de Caxias, Nilópolis, Nova Iguaçu, Queimados e São João de Meriti — já possuem suas Vilas desde 1997 ⁵. O modelo se estendeu por toda a cidade e imediações. Parece que ter uma Vila Olímpica passou a constar da pauta de reivindicações das comunidades pobres cariocas.

O projeto recebeu prêmios internacionais, por duas vezes: um da BBC de Londres e um outro da UNESCO. Sempre na condição de um projeto social recomendável para a América Latina e para o Terceiro Mundo. Notícias sobre a premiação são divulgadas pela mídia e lembradas permanentemente nas publicações da própria escola que circulam no Carnaval e durante todo o ano. Em 1997, o então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, o apontou como exemplo para o país, e o Ministro Extraordinário dos Esportes na ocasião, Edson Arantes do Nascimento, o ex-jogador de futebol "Pelé", o considerou apropriado para as comunidades pobres. Nesse mesmo ano, o Presidente norte-americano, Bill Clinton, em visita ao Brasil, referindo-se às desigualdades sociais latino americanas disse: "é uma praga antiga, a qual precisa ser tratada com mais seriedade não só por governos mas também pela iniciativa privada. (...) até agora nenhum país encontrou a fórmula ideal para fazer a globalização da economia e ao mesmo tempo preservar e melhorar seus padrões sociais". (Jornal do Brasil, 16/10/97). ⁶ Durante sua estada no Rio de Janeiro

⁴ A Vila Olímpica do Salgueiro foi construída na quadra de ensaios da escola, na Tijuca. Antigo campo de futebol dos funcionários da fábrica Confiança, sua fachada e as arquibancadas foram preservadas. Inaugurada em 1996, durante a gestão do Prefeito Cesar Maia, a Vila recebeu o nome de "Centro Olímpico Felinto Eptácio Maia", em homenagem ao pai do prefeito.

⁵ Essas Vilas Olímpicas inspiraram-se na experiência da Mangueira, foram construídas a partir da parceria dos governos federal, estadual e municipal, conforme relatório da Secretaria de Estado de Ação Social, Esporte e Lazer.

⁶ Discurso feito pelo presidente Clinton para cerca de 800 líderes empresariais e políticos no Memorial da América Latina, em São Paulo. (JB, 16/10/97, n.191, p.1)

visitou a Vila Olímpica. Os jornais da época mostraram-no em diversas situações, beijando a bandeira da escola, usando um boné verde e rosa, tocando tamborim e fazendo um gol de pênalti. Ao deixar a escola; declarou:

— "Não sei o que esperava, nas não esperava tanto. De hoje em diante, eu sou Mangueira"⁷.

Atualmente uma foto ampliada onde estão retratados o presidente americano, o ex-Ministro Extraordinário do Esporte e o diretor da Vila, decora a secretaria do projeto.

É preciso fazer a pacificação:

Damião, um compositor da Mangueira, ao ser indagado sobre as necessidades de sua comunidade e de outros morros da Grande Tijuca, declarou, emocionado: "é preciso fazer a pacificação":⁸

"A nossa comunidade (a Mangueira) parte de um princípio, de que ainda é preciso a pacificação. Muita coisa é necessário que se faça. Às vezes a comunidade precisa de apoio e as autoridades não dão, e a gente fica revoltado. Não é necessário que a comunidade seja oprimida. Moro, durmo, acordo com tiro. Por que isso? Não há necessidade. O bairro tem que ser preservado. (...) A comunidade é muito envolvida. Se você não conviver com eles (traficantes) — rua! Mandam você embora do morro. Comigo não! Mandar o Damião [e entrevistado se refere a si mesmo] para fora do morro, aí o bicho pega. A polícia e o tráfico são coniventes. As pessoas do morro são pessoas gratas e a polícia, pessoas não-gratas".

Damião prossegue sua narrativa a respeito do cotidiano da Mangueira onde o tráfico de drogas impõe uma nova ordem.

"Eu vi muitas pessoas novinhas morrendo. Eu vi o 'Mico Su', eu vi o 'Praga de Mãe' — tudo moleque. Os caras não

⁷ Jornal do Brasil, 16/10/97, n. 191, p. 1.

⁸ Entrevista realizada em junho de 2000.

tinham juízo. Os caras me chamavam fundo de garrafa por causa dos meus óculos. Eles na deles, eu na minha. Eu vi muito o ‘Cara de Cavalo’. Uma vez eu estava na favela da Mangueira e encontrei o ‘Tião Medonho’⁹ (...) Naquele tempo não era igual ao de hoje. Eles respeitavam. Hoje, eles ficam coagindo o menor. Se tiver um cara que serve ao Exército dentro do morro, eles dizem assim: -- recebemos um armamento agora. Se tu não montar essas armas prá gente vai embora. Um rapaz, um filho seu está servindo o Exército. E se ele não ajudar a armar aquela arma que eles recebem? (...)

A Vila Olímpica foi inaugurada em 1987 e, desde então, pretende, através de atividades esportivas, de culturais e de lazer, modificar a história dos meninos e meninas, ou seja, afastá-los da ameaça de ingressarem no mundo das drogas e do crime. A obrigatoriedade de frequência à escola regular é um pré-requisito para a participação. Seus dirigentes acreditam que essa iniciativa tem afastado os menores da criminalidade, diminuindo, assim, os índices de menores infratores e aumentando os índices de escolaridade.¹⁰ Este é um forte argumento que coloca essa experiência como paradigma para outras comunidades cariocas. Ao responder a pergunta acerca de como um jovem entra para o tráfico, Damião torna visível a situação de vulnerabilidade a que estão expostos esse jovens pobres.

"Não existe convite para o menor entrar no tráfico. Vai quem quer. Se você não for convidado não participa da festa. Se o cara se manifesta a favor de ir. Se ele for, foi levado por quem? Quando eles começam a se envolver porque foram de espontânea vontade. Por que meus filhos não se envolveram, se eu sou compositor da Mangueira?"¹¹

⁹ O entrevistado, que tem 55 anos, refere-se, aqui, a marginalidade do passado.

¹⁰ Segundo os dirigentes da Vila Olímpica a favela da Mangueira possui o índice zero de menores infratores; segundo levantamento do Juizado de Menores e o maior índice de escolaridade dos morros do Rio — nos últimos dez anos, subiu de 40% para 95%. (cf. JB, Domingo, 3/8/97.)

¹¹ Os entrevistados para a pesquisa — ZALUAR, A. (coordenadora) "Redes de Tráfico e Estilos de Consumo de Drogas Ilegais em três bairros do Rio de Janeiro: Copacabana, Tijuca e Madureira", NUPEVI/IMS/UERJ — reforçam o depoimento desse informante quanto ao ingresso dos jovens no tráfico. Todos afirmam que não há convites para ingresso no tráfico, o próprio jovem demonstra interesse em participar das organizações. (cf. Relatório Final da Pesquisa, julho de 2000).

São eles, os jovens pobres, os principais alvos do tráfico. Seja como usuários ou participantes dos grupos organizados, sejam como vítimas, aumentam, assim, os índices de mortalidade na faixa juvenil — são sobretudo jovens do sexo masculino, negros e pobres os mais atingidos. Essa situação pode ser considerada uma fábrica de problemas sociais, físicos e emocionais para o jovem, sua família e seu grupamento social.

O caráter socializador do esporte

A sociologia das configurações nos parece útil para pensar essas idas e vindas do processo civilizador e a submissão das sociedades modernas à pacificação dos costumes e ao equilíbrio das tensões. Pretendemos aplicar esta perspectiva para explicar a violência crescente na cidade do Rio de Janeiro e as iniciativas que visam afastar os jovens do mundo do crime, da “incivilidade” através do esporte

O processo acelerado de transformações seja no âmbito da cultura seja no da economia num mundo globalizado tem provocado a difusão de novos estilos de vida. As grandes cidades sofrem os efeitos dessas transformações do qual resultam a crescente individualização, a fragmentação social. As novas imagens das cidades não estão mais associadas a civilidade e segurança. O aumento da violência, a quebra o equilíbrio das tensões em que se monta a paz social modificou a dinâmica das cidades. No caso do Rio de Janeiro, por exemplo, esse fato, atinge, com maior intensidade, os moradores de favela e dos bairros populares. A diminuição do controle das emoções e o aumento da violência física resulta num uso desregrado da violência nos conflitos. O fragilização das relações familiares e de vizinhança minam e enfraquecem os laços sociais, a sociabilidade nos bairros populares e nas favelas. Para ELIAS (1994), o processo civilizador não é um contínuo onde evoluímos sempre para melhor, vivemos avanços e retrocessos. Diante disso, a recuperação do etos ou hábito de civilidade decorrente da pacificação dos costumes parece ser o caminho para o fortalecimento das comunidades locais.

O monopólio da violência por parte do Estado facilita a manutenção do monopólio dos impostos e acarreta a pacificação interna e o crescimento econômico. A comparação dos jogos antigos com os modernos mostra o crescimento da repulsa em relação a violência. As práticas esportivas tornaram-se uma representação simbólica da

competição entre segmentos, facções e Estados-Nações. Neste sentido, o esporte passou a ter a função de um antídoto ao excesso de autocontrole e de tensão dos indivíduos, uma saída para manter a sociedade domesticada. (ELIAS,1994; ELIAS & DUNNING,1992)

Quando o monopólio legítimo da violência escapa das mãos do Estado, como é a situação vivida nas favelas cariocas, passando, ainda que parcialmente, para o domínio de indivíduos ou grupos, há o comprometimento da saúde da coletividade, o que causa danos físicos e psicológicos aos indivíduos. O esporte serve, como um canal de alívio das tensões impostas pelo processo civilizador, como um veículo de recuperação da civilidade, do respeito às regras.

Vivemos num mundo demarcado e orientado por regras, nele, as práticas esportivas nos oferecem a possibilidade de celebrarmos a igualdade, a internalização de um ideal democrático em que as regras valem para todos e a mobilidade é possível pelo próprio mérito parece ser uma referência positiva para os jovens pobres. (DA MATTA,1982) Sendo assim, o caráter socializador e mantenedor dos valores igualitários do esporte, fornece as bases para a socialização dos jovens frequentadores da Vila Olímpica.

Tudo leva a crer que os projetos centrados no esporte têm boa aceitação entre os jovens justamente porque ele preenche essas necessidades, promovendo uma sociabilidade positiva. Nesta direção, as tentativas de desenvolvimento de um "etos civilizador" (ELIAS,1993) através do esporte (Vilas Olímpicas) que afaste o jovem da realidade hostil do seu mundo cotidiano favorece o desenvolvimento de práticas sociais capazes de ampliar suas possibilidades de participação na sociedade, contribuindo, portanto, para a construção de uma cidadania plena, garantia da saúde coletividade.

O quarto setor: a dádiva entre estranhos

A teoria da reciprocidade moderna nos permite pensar as políticas sociais desenvolvidas pelas escolas de samba a partir do paradigma da dádiva, ou seja, entender o samba como um "fato social total", um bem que circula a serviço do laço sociais formando extensas redes de solidariedade e reciprocidade, transformando as escolas de

sambas em organizações do "quarto setor", ou seja, num exemplo da dádiva moderna — a dádiva entre estranhos.

Os circuitos de reciprocidade se mantêm vivos na sociedade modernas em diferentes campos sociais: nas organizações anônimas (do tipo Alcoólatras Anônimos, Doadores de Sangue etc.), nos movimentos sociais ou nas variadas formas da vida associativa. O interesse pelo campo do social, aquele que se diferencia do mercado e do Estado, tem como justificativa a preocupação dos teóricos da reciprocidade em traçar os caminhos de reconstrução do laço social apostando, assim, na possibilidade de construção de novas formas de convivência social. Nessa direção, podemos comparar dois sistemas de prestações totais, o "Kula" dos trobriandeses e o samba dos cariocas. Ambos são sistemas sociais inteiros, dinâmicos, que mobilizam a coletividade e suas instituições. As escolas de samba podem ser entendidas como um sistema de prestações e contra-prestações que envolve pessoas, coisas, festas, rituais, presentes, etc., circulando nas favelas e bairros populares cariocas a serviço do laço social. (ZALUAR:1998)

O samba não deve ser entendido apenas como um gênero musical. Com seu poder simbólico de promover circuitos onde a obrigação (de dar) e a reciprocidade (receber e retribuir) são regras básicas num sistema de trocas não-utilitário, ele se apresenta como motor das relações de pessoa a pessoa, criando, através delas, as associações carnavalescas. O samba, um fato social total (MAUSS,1974), cimento que liga as pessoas em redes, ao ultrapassar a esfera doméstica, envolve estranhos em circuitos mais amplos de solidariedade e reciprocidade.

Esse poder articulador tem servido para fortalecer os laços vicinais das comunidades. São blocos e escolas de samba que agregam famílias e vizinhança, deflagrando redes de sociabilidade e auxílio mútuo e servindo de meio para resolução de demandas ou pendangas nessas localidades. Samba, sistema de trocas onde se mesclam a amizade e a hostilidade, que pressupõe a incerteza quanto ao retorno; constitui-se em oposição às trocas utilitaristas baseadas no cálculo. Por isso, podemos considerá-lo um fato social total que possui a propriedade de unir pessoas em extensas redes de sociabilidade, mobilizando suas disposições internas e concretizando ações em diversos planos simultâneas. Pensar a política a partir dos circuitos de reciprocidade

promovidos pelo samba pode nos proporcionar elementos para refletir sobre as práticas cariocas de fazer política através das organizações carnavalescas — ou seja, revelar o caráter político das ações desenvolvidas pelas associações carnavalescas no plano social

As escolas de samba, associações originárias dessas redes que se formam em torno do samba, foram plenamente aceitas, incorporaram-se à vida da cidade promovendo rodas de samba, atividades de lazer (jogos de futebol, almoços comunitários, bailes e festas), promoveram ações sociais no campo da saúde, educação, cultura e preparação para o trabalho. Com seu trabalho social, pretendem responder às demandas sociais das comunidades em que estão inseridas. Inicialmente, restringiam sua ação a seus integrantes; posteriormente estenderam-na para além da comunidade, aos bairros circunvizinhos. Hoje se apresentam como extensas redes que envolvem estranhos — o quarto setor.

A história dessas associações tem mostrado que todas elas têm origem na esfera doméstica. São vizinhos, amigos e/ou parentes que se reuniram para o entretenimento. Essas reuniões estreitavam relações e mobilizavam seus integrantes a realizar outras atividades sem nenhuma sistematização ou apoio externo. O cerne do trabalho nelas desenvolve é voluntário, ação espontânea de seus integrantes. Não há dúvida, trata-se de um sistema de dádiva. São organizações com traços tradicionais e modernos fundados na dádiva. Isso não quer dizer que se trata de um tipo ideal de sistema de dádiva. É claro que a análise de todo sistema social concreto apresenta uma mistura de diferentes modelos. No caso da Mangueira, apesar dos projetos sociais receberem apoio do Estado e de empresas, o que é oferecido como contrapartida é a imagem positiva da localidade, o culto aos baluartes, a presença da Velha Guarda, a valorização da tradição, ou seja, os testemunhos de sua história. No panteão das escolas de samba, a Mangueira é uma das mais antigas escolas cariocas, considerada guardiã do samba tradicional. É essa tradição que serve como contrapartida na captação de recursos humanos e materiais para seus projetos. Relação que tem como base a confiança que a sociedade deposita nela. Diferente daquelas que se estabelecem na esfera do mercado, ela não procura a equivalência. Se a tradição não tem nenhum valor nas relações mercantis, o que circula? É o valor do vínculo, não o valor de troca. O valor do vínculo é o valor simbólico que se junta à dádiva, ligado ao que circula em forma de dádiva. (GODBOUT & CAILLÉ, 1999) Este é o valor que nos interessa e que

possibilita o fortalecimento dos laços numa sociedade baseada nas relações de mercado e no individualismo atomizador.

Conclusões

O projeto Vila Olímpica tem como alicerce: o samba e o esporte; visa também atender à favela e ao bairro. Sobre a “dobradinha” — samba/esporte — temos a dizer que: além dele promover os circuitos de reciprocidade que deram origem as diferentes ações das escolas de samba, tanto o samba como o esporte desempenham papel relevante na sociedade brasileira. Ambos são itens imprescindíveis na construção de nossa identidade nacional. É o que fazemos bem; talvez isso justifique a popularidade do esporte (especialmente do futebol) e do samba no Brasil, o sucesso dos projetos neles se fundamentam.

A sociedade moderna cria a dádiva entre estranhos, o chamado quarto setor, diferente dos três outros: do mercado, do estatal e do doméstico. Ela tende a suprir os vínculos sociais primários nos quais as pessoas afirmam e criam sua unidade, prevalecendo sobre referências abstratas e secundárias. As pessoas reagem ao crescente anonimato através da manutenção das estruturas regidas pela dádiva que se infiltram em todos os interstícios dos sistemas secundários e formalmente racionalizados do mercado e do Estado. O quarto setor, a dádiva entre estranhos constitui a face mais moderna da dádiva. A forma pela qual a dádiva se manifesta fora da esfera doméstica, dentro dos sistemas de mercado e público. São organizações que exigem a participação ativa de seus beneficiários sem contudo substituir o papel intermediador e redistribuidor do Estado, no que se refere à troca de bens e serviços. Formam cadeias de solidariedade entre estranhos cujo objetivo final seriam as demandas dos grupo-alvo. Como se espera haver esclarecido, nosso objetivo é provar que a dádiva, assim como o mercado e o Estado, forma um sistema de circulação de bens a serviço dos vínculos sociais; seu “espírito” foi a base sob o qual a escola de samba edificou suas políticas sociais.

Conceber as políticas sociais sob a ótica da dádiva abre novas perspectivas no estudo de outras formas de participação política que visam a inclusão dos diferentes setores sociais à nação. Os teóricos da reciprocidade moderna pressupõem que as

relações entre as pessoas podem ser orientadas por outros interesses que não aqueles puramente egoístas ou simples fruto da coerção pública. Críticas à ideia do cidadão como sujeito passivo, inteiramente subordinado às políticas sociais que atendam aos interesses do Estado e do mercado. Sugerem que as políticas sociais sejam orientadas por princípios de equidade e de justiça que não se baseiam numa perspectiva universalista e jurídica de justiça social. O debate gira em torno da reaproximação do econômico e do social, da discussão acerca da reciprocidade e da solidariedade entre os homens em geral e entre pessoas concretas. Sendo assim, o que a eles interessa são as formas de participação ativa do cidadão. Admitem, portanto, a existência de outras formas de circulação de bens e serviços nas comunidades que não se reduzem àquelas propostas pelo Estado, pelo mercado ou pela esfera doméstica, onde o dom seria baseado na generosidade com estranhos e advindo de um ato gratuito e livre do doador. Nesses casos, o receptor talvez nunca venha a ser conhecido, fato que não exclui totalmente o cálculo de um possível retorno através dos intermediários que funcionam como os agentes redistribuidores. (ZALUAR,1998) Há que se pensar nas organizações vicinais como reconstrutoras dos circuitos de reciprocidade tecidos em seu cotidiano, baseados no princípio da dádiva. Trata-se da repolitização dos laços sociais, ou seja, da reaproximação entre o social e o político. Dessa maneira, quando se trata de inserção, ROSANVALLON (1995 apud ZALUAR, 1997) sugere a substituição de uma concepção puramente mecânica de redistribuição por uma prática argumentada e publicamente discutida das políticas sociais.

Os projetos sociais dirigidos ao bairro, etnias, gênero ou até mesmo a nacionalidades, em lugar da classe, parecem ser uma tendência mundial. Podemos supor então que o modo de fazer política na cidade do Rio de Janeiro, de uma certa maneira, está de acordo com as tendências atuais de subtração das políticas classistas. (JACOBS, 1992). Nesta perspectiva, as políticas sociais que visam a integração dos setores excluídos de uma sociedade nacional não devem deixar de contemplar o quadro da heterogeneidade de seus grupos marcados por diferenças de raça, gênero, região, nacionalidade etc Neste caso, o projeto Vila Olímpica e tantos outros projetos sociais desenvolvidos por outras escolas de samba parecem seguir tal tendência. Como é possível perceber, a política social das escolas de samba está em consonância com as

diretrizes atuais do governo, ou seja, de redução da presença do Estado e ampliação do poder local no âmbito social.

Tudo leva a crer que a Mangueira conseguiu inverter a expressão popular "tudo acabou em samba". Popularmente, quando se quer dizer que um conflito não foi levado adiante porque se optou pela conciliação, que as pessoas foram confraternizar bebendo e cantando juntas, desistindo de objetivos futuros pelo imediatismo do prazer de agora, diz-se que "tudo acabou em samba". Neste caso, observa-se que o samba, por intermédio de uma organização carnavalesca — a escola de samba — conseguiu mobilizar seus integrantes em torno de projetos sociais com uma perspectiva a médio e longo prazo.

Referências bibliográficas

- BECK, U., LASH, S., GIDDENS, A. Modernização reflexiva, São Paulo: Unesp, 1997.
- CAILLÉ, A. Nem holismo nem individualismo metodológicos. Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. Revista Brasileira de Ciências Sociais, ANPOCS, v. 13, n. 38, p.5-38,1998.
- CARVALHO, J. M. Os Bestializados - O Rio de Janeiro e a república que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CASTELLS, M., MOLLENKOPF, J (eds.). Dual City: restructuring New York. New York: Russel Sage Foundation, 1992.
- CAVALCANTE, M.L.V.de C. Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, MinC/Funarte, 1995.
- CHINELLI, F. O projeto pedagógico das escolas de samba e o acesso à cidadania: o caso da Mangueira. Boletim do Laboratório de Pesquisa Social, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, , n. 8, s/p., 1992.
- _____. Violência, mercado de trabalho e cidadania: o projeto pedagógico das escolas de samba. In: VILLAS BOAS, G., GONÇALVES, M. A. O Brasil na

- virada do século - o debate dos cientistas sociais. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.
- DUNNING, E., MAGUIRE, J. As relações entre sexos no esporte. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, s/n, s/p, 1997.
- ELIAS, N. O processo civilizador, v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, N., DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992.
- G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA. Mangueira 70 anos, 1998.
- _____. Mangueira 99. O Século do Samba, Rio de Janeiro, 1999.
- _____. Mangueira 10 anos do Programa Social. O Sonho se tornou Realidade, Rio de Janeiro, 1997.
- GODBOUT, J. T. Introdução à dádiva. Revista Brasileira de Ciências Sociais, ANPOCS, v. 13, n. 38, s/p, out. 1998.
- JACOBS, B. D. Fractured cities - capitalism, community and empowerment in Britain and America. London: Routledge, 1992.
- MAUSS, M. O ensaio sobre a dádiva. In: _____. Sociologia e antropologia, v. 1. São Paulo: EPU, 1974.
- PEREIRA DE QUEIROZ, M.I. Carnaval brasileiro o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- RIBEIRO, L. C. Q., JUNIOR, O. A. S. Associativismo e participação popular. Rio de Janeiro: IPPUR / UFRJ / FASE, 1996.
- SIGAUD, L. As vicissitudes do "Ensaio sobre o Dom". MANA Estudos de Antropologia Social, Rio de Janeiro, PPGAS/UFRJ-Contracapa, v. 5, n. 2, out. 1999.
- ZALUAR, A. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil. In: SCHWARCZ, L., NOVAIS, F. A. (orgs.). História da vida privada, v. 4, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 245-318.
- _____. A máquina e a revolta. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. As imagens da e na cidade: a superação da obscuridade. Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro, v. 4, p. 107-119, 1995.

_____. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas, Revista Brasileira de Ciências Sociais, ANPOCS, v.12, n.25, outubro de 1997.